

A CAMINHO
DO CÉU

Leo J. Trese

A CAMINHO
do
CÉU

Tradução
José Eduardo Vieira Coelho

3ª edição



QUADRANTE

Título original
Everyman's road to heaven

Copyright © 1989 by Nazareth College in Kalamazoo,
Indiana, EUA

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Trese, Leo J.

A caminho do céu / Leo J. Trese – 3ª ed. – São Paulo : Quadrante, 2024.

ISBN: 978-85-7465-443-0

1. Igreja Católica Apóstolica Romana 2. Doutrinas I. Título II. Série

CDD-282

Índice para catálogo sistemático:

1. Igreja Católica Apóstolica Romana 2. Doutrinas

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Por que estou aqui?	7
A realidade do pecado	15
Será mesmo pecado mortal?	23
Um passo adiante	31
Acontecerá contigo	39
Como é o céu?	47
Assim é o inferno	55
Obrigado, meu Deus, pela confissão	63
Confissões apressadas e graça desperdiçada	71
«Vinde a mim»	77
O que só tu podes dizer	83
Como rezas?	89
Valor e compaixão	97
Guardião do meu irmão	105
Que fazes por Cristo?	111
Como morre um cristão?	119

Por que estou aqui?

O diretor de uma colossal «superprodução» está ocupado na tarefa de escolher uma atriz para protagonista do filme. Está sentado diante da mesa de trabalho, sobre a qual se encontram espalhadas dezenas de fotografias enviadas pelos agentes cinematográficos. Depois de repassá-las durante um certo tempo, escolhe uma delas, contempla-a detidamente e diz à secretária: «Sim, este é o tipo de mulher de que necessito. Telefone-lhe e marque um encontro para amanhã».

É desnecessário dizer que há uma imensa diferença entre um diretor cinematográfico e Deus, entre Hollywood e o Céu. Contudo, por meio deste exemplo – imperfeito – podemos ter uma ideia da razão de ser da nossa existência. No mais profundo da eternidade – falando em termos humanos –, Deus projetou todo o universo e escolheu os protagonistas – todos – do grande enredo que deveria desenrolar-se até o final dos tempos. Pela sua mente divina foram desfilando as fotografias das almas – ilimitadas em número – que Ele podia criar. Quando de-

parou com a tua imagem, deteve-se e disse: «Aqui está uma alma que me cativa. Necessito dela para que desempenhe um papel único, pessoal, e, depois, goze da minha presença durante toda a eternidade... Sim, vou criá-la».

Insisto em que se trata de uma comparação muito pobre, radicalmente inadequada, porque não podemos imaginar a forma de atuar de Deus. Mas corresponde de alguma maneira à realidade. Deus te criou porque te amava mais do que a outros milhões e milhões de almas cujas imagens estavam também presentes na sua mente divina. Mais ainda, mesmo que também as tivesse amado, decidiu-se por ti porque havia alguma coisa no seu projeto divino (uma tarefa, um papel) que ninguém poderia desempenhar tão bem como tu. Foi por isso que te escolheu e te criou entre milhões e milhões de outras almas «possíveis».

Nós, cristãos, chamamos vocação a esta profunda convicção de que as nossas vidas têm um propósito, um objetivo, uma missão; de que fomos chamados a desempenhar um papel insubstituível neste mundo e somos objeto único do amor de Deus, tanto nesta vida como na outra. Nós, cristãos, sabemos que temos importância para Deus *individualmente*, que não somos uma alma mais entre bilhões e bilhões delas, criadas e lançadas aos quatro ventos por um Deus distraído e ausente; que todas elas lhe interessam uma a uma; que nos ama com um amor intenso, pessoal..., quase diríamos ansioso.

A nossa vocação cristã impõe-nos o dever de corresponder a esse amor de Deus, de não frustrá-lo. E cum-

primo-lo quando procuramos, dia após dia, fazer a vontade divina da melhor maneira possível. O que quer dizer que fazemos dessa vontade a nossa bússola, o norte que orienta a nossa vida, e que, quando escolhemos, quando decidimos, «o que Deus quer» antepõe-se sempre ao «que eu quero», ao que me agrada ou apetece.

Isso não significa que a vontade de Deus e a minha tenham que estar sempre em conflito. Na maior parte dos casos, fazer a vontade divina é uma coisa sumamente atrativa; em outros, a nossa vontade coincide exatamente com o que Deus quer. Mas o conflito pode surgir, e devemos estar dispostos a retificar sempre que percebamos que a nossa vontade e a de Deus tomam rumos diferentes; será uma prova infalível de que amamos a Deus, a melhor maneira de correspondermos ao seu amor.

Este sólido estar ancorado na vontade de Deus é o que justifica também que Deus nos tenha escolhido para realizar certa tarefa. Normalmente, não costumamos saber qual é essa tarefa (alguma coisa que só nós podemos fazer). Talvez seja a de servirmos de instrumento para a conversão de determinadas almas, ou a de levarmos adiante uma ação concreta ou evitarmos algum mal... O mais provável é que até o dia do Juízo não saibamos qual era o papel que nos cabia desempenhar. Mais uma razão para que procuremos, dia após dia, fazer a vontade de Deus em tudo, no pequeno e no grande.

Não sabemos quais das nossas ações deverão ser a nossa contribuição exclusiva e essencial para os planos de

Deus, ou que palavras, de todas as que dizemos, são as que Ele esperava que pronunciássemos. O que sabemos, sem dúvida, é que devemos viver cada dia – e cada momento de cada dia – como se esses fossem o dia e o momento escolhidos por Deus. Se não atuarmos assim, corremos o perigo de defraudá-lo, de não levar a cabo aquilo para que nos escolheu. E se defraudamos a Deus, fracassamos.

A nossa vocação cristã comporta, pois, sérias responsabilidades. Mas também oferece enormes compensações. Uma delas é a certeza de que valemos muito. Se sou importante para Deus, então é porque sou realmente importante. Pode ser que os outros não acreditem nisso, talvez porque eu não seja muito inteligente nem muito hábil. Talvez me tenham na conta de pessoa medíocre, porque a minha condição é modesta e o meu trabalho humilde. Talvez eu próprio me sinta inferior em comparação com outros «triunfadores». Mas não devo esquecer em momento algum que o dinheiro, a popularidade, as honras, todas essas coisas pelas quais o mundo mede o êxito não são para Deus senão ninharias, brinquedos infantis. Mais cedo ou mais tarde teremos que deixá-las de lado, se não se estragarem antes.

O importante é que, valha muito ou valha pouco, seja esperto ou curto de cabeça, se estou em estado de graça e procuro cumprir a vontade de Deus ao longo da minha vida, até o ato mais trivial e insignificante que realize tem um valor eterno, imperecível. Ainda que o mundo me considere pouco, até o meu menor suspiro

tem valor para Deus. Voltando a falar em termos humanos, Deus me criou porque precisa de mim. Alguma coisa deve ser feita, alguma coisa que só eu posso fazer. Por acaso há coisa maior, mais valiosa, do que saber que Deus precisa de mim? Pouco importa que eu não saiba exatamente qual é o papel que desempenho nos planos de Deus; é suficiente saber que, aos seus olhos, valho tanto ou mais do que essas pessoas que o mundo admira, aclama ou louva.

Tudo isso não é soberba nem vaidade: a soberba consistiria em declarar-me independente de Deus e pensar que o que valho depende de mim, que é mérito meu; a vaidade, em alardear tolamente os dotes naturais mais aparentes que Deus me deu. Não é humildade pretender que não valho nada, que a minha vida não tem sentido, que não se teria perdido nada se eu não tivesse nascido. É verdade que, separado de Deus, não sou nada, não valho nada, mas também é verdade que o amor de Deus me engrandeceu. Reconhecê-lo assim é fazer justiça a Deus. Jamais devemos sucumbir à tentação de dizer: «Não sou bom, não valho nada. Sou um fracasso...»

Também não devo autocompadecer-me, pensar que «ninguém me ama», que ninguém se importa comigo. Que triste coisa seria – sabendo quanto Deus me ama – choramingar e lamentar-me por não me estimarem tanto como eu desejaria! Seria tão estúpido como a atitude do multimilionário que se lamentasse por ter perdido cinco moedas num caça-níqueis. Os que se autocompadecem fazem-no porque lhes falta fé ou porque ignoram

as verdades da nossa religião. O amor que Deus nos tem é uma coisa tão grandiosa!

Da minha vocação cristã deriva também outra consequência: a tranquilidade de saber que estou livre de preocupações mais sérias. Se verdadeiramente creio que Deus me ama com um amor infinito – o que é absolutamente certo – e que quer sempre o melhor para mim – o que é igualmente certo –, as minhas preocupações não podem durar muito nem ser muito intensas. Deus é infinitamente sábio: Ele sabe o que me convém. E infinitamente poderoso: pode realizar tudo o que quiser. Sendo assim, como hei de sair perdendo se procuro agir retamente, fazendo uso da inteligência e da vontade que Ele mesmo me deu?

Poderei cometer erros, logicamente, porque não sou infalível. Mas deles Deus tirará proveito e anotará a minha própria estupidez no «haver» da minha conta. Um pai que atropela o seu próprio filho ao tirar o carro da garagem, uma mãe que trabalha demais e perde o filho que ia ter, têm que sentir uma enorme pena pelo que lhes aconteceu. Mas seria falta de fé se passassem o resto da vida sentindo-se culpados e cheios de remorsos. Seria falta de fé se não confiassem em que dos seus erros humanos Deus há de tirar algo de bom.

O mesmo se pode dizer a respeito dos males e misérias que nos atingem por causa da malícia alheia. Deus outorgou-nos uma vontade livre para que pudéssemos amá-lo, porque sem liberdade não pode haver amor, só pode haver necessidade. O amor, para ser tal, tem que

ser voluntário, «querido». Ora bem, a liberdade é um dom muito perigoso, porque se pode abusar dela. Muitas pessoas inocentes sofrem com frequência porque a má vontade de outras as fere. Poderíamos pensar: «Por que Deus o permite?» Mas, se o pensarmos, esquecemos que, se Deus tivesse que eliminar todas as pessoas que, de algum modo, causam um mal ou tornam infelizes as outras, há muito tempo que tu e eu teríamos deixado de existir.

O que não convém esquecer nunca é que o mal que os homens fazem não destrói os planos de Deus, porque Ele é capaz de incluí-lo neles e submetê-lo à sua vontade. O ódio dos fariseus por Cristo converteu-se em instrumento da nossa própria Redenção. A crueldade dos imperadores romanos encheu o Céu de mártires gloriosos e acelerou a expansão e o desenvolvimento da Igreja. Da tirania comunista bem pode surgir uma nova civilização cristã... E, descendo a um nível pessoal, a «partida» que me pregaram ontem pode redundar em proveito espiritual para mim, se eu souber encaixá-la bem; disso posso estar certo.

Não, não é possível exagerar o amor que Deus me tem, o muito que se ocupa de mim. Ele me ama milhares, milhões de vezes mais do que eu amo a mim mesmo. Sempre estou presente no seu pensamento; Ele jamais se esquece de mim. E não é só a minha felicidade na outra vida o que lhe interessa, ainda que isso seja o mais importante. Também quer que eu seja feliz nesta. Assim como Jesus se compadecia das multidões famin-

tas e fez milagres para alimentá-las, Deus preocupa-se com a minha felicidade aqui e agora. Como humanos que somos – e, portanto, limitados –, não podemos deixar de sofrer e de preocupar-nos, de um modo ou de outro. Mas se estivermos convencidos de que Deus nos ama e se interessa por nós, nunca permitiremos que o sofrimento nos abata ou as preocupações nos esmaguem.

Deus me ama. O seu amor envolve-me, por assim dizer, como os braços fortes de um pai. Se perder o seu amor, será unicamente porque o rejeito voluntariamente, nunca porque Ele deixou de amar-me ou porque me repeliu.

Deus me ama. Esta é a última e suprema razão da minha existência. É sobre esta convicção, sobre esta realidade fecunda, que devo construir toda a minha vida espiritual.